

## Caminhos, vozes e aprendizados: memórias de uma professora de Português como Língua Estrangeira

Paths, voices, and lessons learned: memoirs of a teacher of Portuguese as a Foreign Language

Maria Isabel Lopes Nunes<sup>1</sup>  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

### RESUMO

Este texto apresenta um memorial acadêmico que reconstrói a trajetória pessoal, formativa e profissional de uma professora de Português como Língua Estrangeira (PLE), evidenciando os modos pelos quais experiências familiares, escolares, universitárias e profissionais se articulam na constituição de sua identidade docente e pesquisadora. Partindo de uma narrativa autobiográfica, o memorial destaca a centralidade da educação como prática de transformação social, ancorada em valores familiares, no acesso ao ensino superior e na construção de percursos profissionais em contextos nacionais e internacionais. Ao longo da graduação em Letras, experiências em monitorias, estágios, projeto de extensão e o ensino de Português como Língua de Acolhimento foram decisivas para o ingresso no campo do Português como Língua Estrangeira e para o desenvolvimento de uma perspectiva crítica, intercultural e inclusiva sobre o ensino de línguas. A atuação em instituições estrangeiras, a participação em formações especializadas e o ingresso no mestrado em Educação ampliaram o diálogo entre teoria e prática, consolidando o interesse por temas como formação de professores, interculturalidade e narrativas de estudantes estrangeiros. As experiências vivenciadas pela autora em contextos interculturais de ensino de PLE, incluindo sua atuação no âmbito do Programa de Estudantes-Convênio de Português como Língua Estrangeira (PEC-PLE), dialogam diretamente com sua pesquisa de mestrado, desenvolvida a partir de uma abordagem narrativa. O memorial evidencia, assim, a potência das narrativas autobiográficas como dispositivo de reflexão sobre a docência, a pesquisa e os processos educativos em contextos interculturais.

**Palavras-chave:** Memorial acadêmico; Português como Língua Estrangeira; Educação intercultural; Narrativas.

### ABSTRACT

This text presents an academic memorial that reconstructs the personal, educational, and professional trajectory of a teacher of Portuguese as a Foreign Language (PFL), highlighting the ways in which family, school, university, and professional experiences intertwine in the constitution of her identity as a teacher and researcher. Drawing on an autobiographical narrative, the memorial emphasizes the centrality of education as a practice of social transformation, grounded in family values, access to higher education, and the construction of professional paths in national and international contexts. Throughout her undergraduate studies in Languages and Literature, experiences in teaching assistantships, internships, extension projects, and the teaching of Portuguese as a Language of Welcome were decisive for her entry into the field of Portuguese as a Foreign Language and for the development of a critical, intercultural, and inclusive perspective on language teaching. Her work in foreign institutions, participation in specialized training programs, and enrollment in a master's program in Education broadened the dialogue between theory and practice, consolidating her interest in topics such as teacher education, intercultural, and the narratives of international students. The experiences lived by the author in intercultural contexts of PFL teaching, including her work within the Brazilian Portuguese as a Foreign Language Student Exchange Program (PEC-PLE), directly inform her master's research, which is developed from a narrative

<sup>1</sup> Licenciada em Letras – Inglês pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atua como professora de Português como Língua Estrangeira. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6585-6518>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2551649390340544>. E-mail: [mariaisabel.nunes@estudante.ufjf.br](mailto:mariaisabel.nunes@estudante.ufjf.br).

approach. The memorial thus highlights the potential of autobiographical narratives as a tool for reflection on teaching, research, and educational processes in intercultural contexts.

**Keywords:** Academic memorial; Portuguese as a Foreign Language; Intercultural education; Narratives.

Meu nome é Maria Isabel, nasci em 4 de agosto de 1997, na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais. Sou filha da Raquel, uma jovem de 18 anos, que ao descobrir a gravidez, precisou concluir os estudos por meio do supletivo, e do Leonardo, um rapaz de 21 anos, então soldado do Exército. Fui criada no seio de uma família amorosa, que sempre cultivou como valores essenciais o respeito ao próximo e a honestidade. Sou filha única, mas tenho o meu primo Guilherme, dois anos mais velho que eu, como meu irmão do coração, que se tornou meu companheiro constante de brincadeiras e descobertas. Minha infância foi marcada pela convivência com vizinhos de diferentes origens sociais, religiosas e étnicas. Essa diversidade me ensinou, desde cedo, a não julgar as pessoas por sua condição, mas a valorizá-las por sua essência, caráter e comportamento.

Depois do meu nascimento, minha mãe iniciou sua trajetória na área da saúde: primeiro concluiu o curso de auxiliar de enfermagem, depois o curso de técnico de enfermagem e, em seguida, conciliou dois empregos em hospitais com a faculdade de Enfermagem. Foi ela também quem incentivou e convenceu meu pai a ingressar no ensino superior, assim, ele passou a dividir o tempo entre o trabalho e a faculdade de Administração. Cresci, portanto, acompanhando de perto a rotina de muito esforço e dedicação dos meus pais, que me ensinaram, pelo exemplo, o valor da disciplina, da educação e da perseverança como caminho de transformação.

Desde o início da minha vida, a rede de apoio familiar foi fundamental. Meus avós maternos e paternos, minha tia materna e minhas duas tias paternas tiveram participação decisiva na minha criação. Em muitos momentos, foram eles que supriram as ausências inevitáveis dos meus pais, dedicados aos trabalhos e aos estudos. Além do cuidado constante, ofereceram-me atenção, amor e carinho, muitas vezes garantindo roupas e brinquedos que, naquele momento, meus pais não podiam me proporcionar. Esse apoio coletivo não apenas fortaleceu meus laços afetivos, como também me ensinou, desde a infância, o verdadeiro significado da solidariedade e da união familiar.

Morávamos em uma casa muito simples e humilde, localizada nos fundos da residência dos meus avós paternos. Lembro-me de que, quando chovia muito forte e as bocas de lobo não

davam conta de escoar a água, o esgoto de toda a rua retornava para dentro da nossa casa pelo ralo do banheiro. A água invadia, pouco a pouco, o banheiro, a cozinha, a sala, o quarto dos meus pais e, por último, o meu quarto. Eu ficava aflita sempre que o tempo fechava: corria para a janela, observava a força da chuva e me refugiava na beirada do fogão, onde queimava palha benta enquanto rezava para que a tempestade viesse mais branda ou passasse depressa.

Embora eu venha de uma família humilde, meus pais sempre priorizaram a minha educação. Com esforço e dedicação, garantiram que eu estudasse em escola particular e tivesse acesso a diferentes atividades extraclasse, como balé, natação, aulas de música e de inglês. Essas experiências não só enriqueceram minha formação cultural, mas também despertaram em mim a curiosidade, a disciplina e o gosto pelo aprendizado, características que se tornaram fundamentais na construção do meu percurso acadêmico.

Cresci ouvindo da minha mãe duas frases que marcaram profundamente a minha formação pessoal e acadêmica. A primeira era que tudo o que ela fazia, junto de meu pai, era por mim; a segunda, que seu maior desejo era que eu estudasse e trabalhasse muito, para que tivesse a chance de realizar meus sonhos e conquistar tudo o que desejasse. Essas palavras, repetidas ao longo dos anos, constituíram não apenas um conselho materno, mas uma espécie de orientação para a minha trajetória. Desde cedo compreendi que o estudo e o trabalho não eram apenas meios de sobrevivência, mas caminhos para a autonomia e para a realização de projetos pessoais. Essa compreensão dialoga com a ideia de Paulo Freire (1996) de que a educação é prática de liberdade, capaz de promover consciência crítica e transformação social. Do mesmo modo, Bourdieu (1998) aponta que o acesso à educação pode representar uma forma de mobilidade e de ruptura com as determinações sociais. Assim, o valor que atribuí à educação está também relacionado a essa dimensão coletiva e transformadora, reconhecendo-a como herança simbólica transmitida por minha família e como eixo estruturante de minha própria história.

Meus pais sempre foram, para mim, exemplos e motivo de orgulho. Através de suas trajetórias, pude vivenciar, de forma concreta, o impacto que o estudo e o trabalho árduo podem produzir na vida de uma pessoa e, conseqüentemente, na vida de toda a família. Meu pai, sempre íntegro e dedicado, destacou-se em seu ofício pela responsabilidade e pela excelência com que desempenhava suas funções. Minha mãe, igualmente íntegra e comprometida, construiu sua trajetória marcada pela dedicação aos estudos, sendo aprovada em diferentes concursos e

reconhecida pela seriedade em seu trabalho. Ambos sempre me incentivaram e apoiaram a seguir o mesmo caminho: estudar, trabalhar, prestar concursos e buscar melhores oportunidades. Esse apoio constante constituiu a base sobre a qual pude construir meu percurso acadêmico e profissional, reafirmando em mim a crença de que a educação é o meio mais sólido para transformar realidades. No entanto, à medida que amadureci e ampliei minha compreensão sobre a sociedade, percebi que, embora a educação seja um instrumento potente de emancipação e mobilidade, ela, por si só, não é suficiente para promover as transformações sociais que almejamos. Como alerta Paulo Freire (1996), a educação não muda o mundo por si só, mas pode mudar as pessoas, e são as pessoas que transformam o mundo. Essa reflexão me leva a reconhecer que o acesso à educação precisa vir acompanhado de políticas públicas, condições materiais e oportunidades reais para que a mudança social se concretize de forma coletiva e sustentável.

Na minha época escolar, lembro que eu era muito tímida, mas uma aluna dedicada. Não me saía tão bem em matemática, mas sempre tive ótimas notas nas demais disciplinas. Como meus pais estavam constantemente trabalhando ou estudando, eu fazia minhas tarefas e trabalhos sozinha, o que, acredito, me ajudou a desenvolver responsabilidade e autonomia desde cedo. Durante o ensino médio, eu já sabia que queria cursar Letras e tinha certeza de que seria professora de qualquer idioma, exceto português. Pela minha nota no Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM), fui aprovada na primeira chamada, assim, em 2015 concluí o ensino médio e, em 2016, ingressei na Universidade Federal de Juiz de Fora. Após o primeiro ano de faculdade, conhecido como “ABI” (Área Básica de Ingresso), precisei optar pela habilitação que seguiria, ou seja, pelo idioma que estudaria. Optei pela língua inglesa simplesmente por gostar muito dela e acreditava que seguiria carreira como professora de inglês ou tradutora.

No primeiro semestre de 2018, fui aprovada para atuar como monitora da disciplina Práticas de Gêneros Acadêmicos por dois semestres. Nesse período, tive a oportunidade de ser orientada por uma professora doutoranda cujo tema de dissertação e tese era o Português como Língua Estrangeira (PLE). Ela me apresentou suas pesquisas e explicou um pouco sobre o ensino de PLE. Para minha surpresa, nessa turma havia dois alunos intercambistas que sempre me pediam ajuda, não em relação aos gêneros acadêmicos, mas sim à língua portuguesa. Para minha sorte, a professora orientadora da disciplina me ajudou muito nesse processo e, a partir disso, descobri meu amor pelo ensino de Português como Língua Estrangeira. Esse contato

inicial com estudantes estrangeiros também me fez perceber que há múltiplas formas de ver e de experienciar uma língua. Suas dúvidas e comentários revelaram que aquilo que eu considerava “natural” no português era, na verdade, resultado de escolhas históricas, culturais e sociais. Essa percepção dialoga com a concepção de Bakhtin (1992), segundo a qual a linguagem é essencialmente dialógica e se constitui nas relações entre sujeitos e contextos. Assim, passei a compreender a língua não apenas como um sistema gramatical a ser dominado, mas como uma prática viva, permeada por vozes, sentidos e ideologias.

No semestre seguinte, como a graduação em Letras não oferecia disciplinas de Português como Língua Estrangeira, matriculei-me em oficinas — disciplinas de menor carga horária, voltadas principalmente para a prática — cujo tema era PLE e, a cada encontro, eu me encantava ainda mais por essa área. No primeiro semestre de 2019, fui aprovada como monitora de Práticas Textuais. Essa experiência me marcou profundamente, pois eu gostava muito da disciplina e fiquei extremamente feliz quando a professora orientadora me convidou para colaborar em uma palestra sobre um tema que sempre despertou meu interesse: o Preconceito Linguístico. Na ocasião, apresentei uma reflexão baseada no livro “A língua de Eulália: Novela Sociolinguística”, de Marcos Bagno. Já no segundo semestre de 2019, fui aprovada como professora bolsista no Projeto de Extensão de Português como Língua de Acolhimento, no qual ensinava tanto a língua portuguesa quanto aspectos da cultura brasileira a pessoas em situação de deslocamento forçado. Permaneci nesse projeto até a minha graduação, em março de 2022, período em que ministrei aulas presenciais e também on-line, em razão da pandemia de COVID-19.

A minha participação no Projeto de Extensão de Português como Língua de Acolhimento foi um verdadeiro “divisor de águas” na minha trajetória. A partir dessa experiência, entrei em uma sala de aula como professora, e não mais como monitora ou estagiária, e confirmei meu desejo de trabalhar com o ensino de português como língua estrangeira. Esse momento marcou profundamente meu percurso, pois permitiu vivenciar diretamente os desafios e as alegrias da prática docente, consolidando minha identidade profissional. Como ressalta Larrosa (2002): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Essa reflexão sintetiza bem a importância desse projeto na minha vida: não se tratou apenas de atividades

cotidianas ou tarefas cumpridas, mas de uma experiência transformadora que realmente me aconteceu e me tocou, moldando minhas escolhas e aprofundando meu compromisso com o ensino de português para estrangeiros.

Em 2019, uma amiga de faculdade e eu realizamos estágio em uma escola municipal de Juiz de Fora e, ao final, a partir de nossas vivências e de pesquisas qualitativas e quantitativas, elaboramos e apresentamos o trabalho intitulado “Inclusão escolar”. Nesse estudo, analisamos a importância da acessibilidade no ambiente escolar e discutimos os diferentes tipos de preconceito enfrentados pelos alunos, como étnico, de gênero, religioso, linguístico, relacionado à aparência ou à deficiência. Essa experiência foi muito significativa, pois nos permitiu observar de perto os desafios da inclusão e refletir sobre o papel do professor na promoção de um espaço educativo mais justo e acolhedor. Já em 2021, realizei o segundo estágio obrigatório, desta vez no Colégio de Aplicação João XXIII, em formato on-line, em razão da pandemia. Essa experiência virtual trouxe novos aprendizados, sobretudo no uso de tecnologias digitais para o ensino, na adaptação de atividades ao ambiente remoto e na busca por estratégias para manter o engajamento e a participação dos alunos mesmo à distância.

Em 2021, no penúltimo período da graduação, vivi um momento de grande insegurança em relação ao futuro profissional, temendo concluir o curso e não conseguir inserção no mercado de trabalho. Diante disso, decidi pesquisar concursos públicos que estivessem com editais previstos, e encontrei o edital da Polícia Civil de Minas Gerais. Iniciei os estudos para o cargo de escrivã e, para minha surpresa, fui aprovada. Pouco tempo depois, foi publicado o edital para o cargo administrativo da mesma instituição; prestei a prova no início de 2022 e, novamente, fui aprovada. Em dezembro de 2021, inscrevi-me no concurso da Prefeitura de Juiz de Fora para o cargo de professora regente de Língua Inglesa. Fui aprovada em todas as etapas — prova objetiva, prova discursiva e prova prática — e, em dezembro de 2023, obtive a aprovação definitiva, aguardando a nomeação. Posteriormente, em agosto de 2022, foi publicado o edital do concurso para professor na cidade de Matias Barbosa. Realizei a prova objetiva e a prova discursiva e, em fevereiro de 2023, recebi a confirmação da minha aprovação. Mais uma vez, aguardo a nomeação para exercer a função de professora de inglês. Essas experiências reforçaram em mim a convicção de que a disciplina e a persistência nos estudos podem abrir caminhos concretos de realização profissional, ao mesmo tempo em que fortaleceram minha confiança na educação como um investimento contínuo.

No último período da minha graduação, ao ministrar aulas de Português como Língua de Acolhimento, senti muita falta de disciplinas na graduação voltadas para a Psicologia, devido ao contato com alunos em situação de vulnerabilidade. Por esse motivo, realizei um curso de aperfeiçoamento em Psicologia da Educação. Além disso, participei de diversos cursos e capacitações on-line sobre Português como Língua Estrangeira, Português como Língua de Acolhimento, Psicologia da Educação, questões migratórias, ensino remoto, entre outros. Em uma das capacitações, realizada em 2020, conheci pessoas do Brasil e de outros países, incluindo as coordenadoras de duas instituições que acolhem refugiados. Tive a oportunidade de atuar como voluntária, ministrando aulas de Português como Língua de Acolhimento de forma remota nessas instituições. Em uma delas, fui convidada a colaborar no desenvolvimento e na elaboração de um material didático próprio da instituição para o ensino de Português como Língua de Acolhimento.

Em março de 2022, concluí minha graduação e, em setembro do mesmo ano, fui contratada pela Prefeitura de Juiz de Fora para ministrar aulas de inglês até dezembro. Durante esse período, recebi um e-mail de uma instituição mexicana convidando-me para uma entrevista e uma prova didática para ministrar aulas de Português como Língua Estrangeira. Realizei a entrevista e a prova, fui aprovada e iniciei minhas atividades na instituição em janeiro de 2023. Essa experiência representou um importante avanço na minha carreira, permitindo-me aplicar meus conhecimentos em contextos internacionais, desenvolver práticas pedagógicas diversificadas e aprofundar minha atuação no ensino de português para estrangeiros.

Em dezembro de 2023, o *LinkedIn* me recomendou uma vaga em uma instituição americana, para ministrar aulas de Português como Língua Estrangeira e desenvolver materiais didáticos. Enviei meu currículo e, poucos dias depois, recebi um e-mail convidando-me a participar do processo seletivo da instituição. Participei de uma entrevista e de uma prova-aula, e, dias depois, recebi o *feedback* de que havia sido aprovada para integrar a equipe da empresa sediada em Nova Iorque. Essa oportunidade representou mais um avanço significativo na minha carreira, permitindo-me atuar em um contexto internacional, aprofundar meu conhecimento em ensino remoto e intercultural e contribuir para a elaboração de materiais didáticos inovadores e inclusivos.

Venho de uma família muito católica e cresci ouvindo meus pais dizerem que devemos profetizar tudo aquilo que desejamos, que nossos sonhos e esforços alinhados à vontade de



Deus podem se concretizar, confiando que Ele guiará o caminho. Durante a graduação, compartilhava com minhas amigas que ficaria imensamente feliz e realizada se pudesse me formar e trabalhar em uma escola pública, como forma de retribuir, de alguma maneira, todos os anos de estudos na UFJF, ou, alternativamente, se pudesse atuar em uma instituição estrangeira. Hoje, ao olhar para minha trajetória, percebo que coloquei em prática aquilo que meus pais tanto me ensinaram: acredito que profetizei e realizei aquilo que realmente desejava. Essa experiência reforça não apenas a importância da fé e da esperança na conquista de objetivos, mas também a conexão entre planejamento, dedicação e a concretização de sonhos ao longo da vida acadêmica e profissional.

Em janeiro de 2024, na última semana do período de inscrições para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, realizei minha inscrição, sem muitas expectativas, pois imaginava que talvez precisasse tentar o processo duas, três ou até mais vezes para ser aprovada no mestrado. Para minha surpresa, fui aprovada na análise do anteprojeto, na prova escrita e na defesa do meu anteprojeto. Conquistei a única vaga disponível para a linha de pesquisa que desejava — Linha de Pesquisa 3: Discurso, Práticas, Ideias e Subjetividades em Processos Educativos — e ainda com o orientador que eu almejava. Essa conquista representou um marco significativo na minha trajetória acadêmica, reafirmando meu compromisso com a pesquisa em educação intercultural e fortalecendo minhas perspectivas de desenvolvimento profissional e científico na área.

O início do mestrado foi desafiador. Precisei me adaptar rapidamente à intensa dinâmica de leituras, debates teóricos, produção de textos acadêmicos e cumprimento de prazos apertados. No entanto, esse processo tem sido – e continua sendo – extremamente enriquecedor. Cada disciplina, cada encontro e cada troca com professores e colegas ampliaram minha visão sobre a educação e contribuíram para o desenvolvimento de um olhar mais crítico, sensível e comprometido com a pesquisa e a prática docente. Além disso, o mestrado tem me proporcionado reflexões profundas sobre minha atuação profissional, permitindo integrar teoria e prática de forma mais consciente e fundamentada. Hoje, apesar do pouco tempo de mestrado, percebo o quanto cresci como estudante, como professora e como pessoa, consolidando habilidades de análise, argumentação e empatia que impactam diretamente minha trajetória acadêmica e minha prática pedagógica.



Em dezembro de 2024, participei do processo seletivo para bolsista supervisora do Programa de Estudantes-Convênio de Português como Língua Estrangeira (PEC-PLE) da Universidade Federal de Juiz de Fora. O programa tem como objetivo a formação e qualificação de estudantes estrangeiros, oferecendo vagas gratuitas em cursos de Português como Língua Estrangeira em instituições de ensino superior brasileiras. No PEC-PLE, o aluno passa o primeiro ano no Brasil cursando, gratuitamente, aulas de língua portuguesa e cultura brasileira, visando à obtenção do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Após essa etapa, o estudante pode iniciar seu curso de graduação no âmbito do PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação).

Assim, em dezembro, participei da seleção e, mais uma vez, fui aprovada. O ano de 2025 marca o primeiro ano de vigência do programa na UFJF, o que torna a experiência ainda mais desafiadora: ser pioneira, não contar com uma supervisora anterior como referência e, pela primeira vez, assumir o papel de supervisora, deixando momentaneamente a função de professora para assumir novas responsabilidades e contribuir para a consolidação do programa na universidade. Essa oportunidade tem ampliado significativamente minha compreensão sobre gestão acadêmica, supervisão pedagógica e a importância de apoiar estudantes em contextos interculturais e educacionais complexos.

As responsabilidades e os desafios são grandes, mas participar deste programa me deixa profundamente realizada. Minhas funções envolvem planejar e supervisionar as atividades pedagógicas desenvolvidas pelas professoras, garantindo que as práticas de ensino estejam alinhadas aos objetivos do programa e às metodologias adequadas para o ensino de português como língua internacional. Também sou responsável por realizar capacitações das professoras, uma vez que, na graduação em Letras da UFJF, não há disciplina de PLE no currículo. Para isso, promovo encontros quinzenais de formação e sessões contínuas de *feedback*, com o objetivo de aprimorar as competências pedagógicas e a capacidade de adaptação intercultural das licenciandas. Monitoro o desempenho das professoras e dos alunos do PEC-PLE, por meio de observações de aulas, revisão dos materiais didáticos produzidos e orientações para melhorias contínuas. Coordeno e elaboro materiais didáticos e recursos de ensino que atendam às necessidades específicas dos aprendizes de português como língua estrangeira, promovendo uma abordagem inclusiva e culturalmente sensível. Além disso, atuo como mediadora entre a coordenação do programa, as professoras e os alunos, assegurando uma comunicação eficaz e

um ambiente de aprendizagem colaborativo e produtivo. Também contribuiu diretamente para a resolução de eventuais desafios pedagógicos, sempre com foco no fortalecimento da qualidade do ensino e da experiência intercultural proporcionada pelo programa.

O aprendizado contínuo e a formação especializada sempre foram prioridades em minha trajetória profissional, especialmente no campo do ensino de Português como Língua Estrangeira. Nesse contexto, o Ministério das Relações Exteriores e o Instituto Internacional da Língua Portuguesa, em parceria com o Observatório de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua e com o apoio do Instituto Guimarães Rosa, promovem o “Curso de Formação de Professores de Português como Língua Pluricêntrica”. Em janeiro de 2025, inscrevi-me para a 3ª edição desse curso, sem grandes expectativas, considerando que eram oferecidas apenas 150 vagas para participantes de todo o mundo. O processo seletivo avaliou currículo, comprovação de vinculação profissional e formação em nível de pós-graduação. Para minha surpresa e satisfação, minha inscrição foi deferida, proporcionando uma oportunidade ímpar de aprofundar conhecimentos e trocar experiências com professores de diferentes contextos internacionais.

A minha participação no “Curso de Formação de Professores de Português como Língua Pluricêntrica”, realizado de março a maio, foi extremamente enriquecedora, tanto do ponto de vista teórico quanto prático. Ao longo do curso, aprofundei meus conhecimentos sobre a natureza pluricêntrica da língua portuguesa e os impactos dessa pluralidade no ensino. As discussões sobre variação linguística, políticas linguísticas e identidades culturais dos países lusófonos ampliaram minha percepção sobre o papel do professor na valorização das diferentes normas e usos do português. Além disso, os encontros proporcionaram um espaço de trocas significativas entre docentes de diferentes contextos, fortalecendo minha atuação como professora de PLE e inspirando-me a repensar práticas pedagógicas que reconheçam e respeitem a diversidade linguística como um recurso didático e cultural. Sem dúvida, essa formação contribuiu para reafirmar meu compromisso com uma educação linguística mais crítica, inclusiva e sensível à realidade dos aprendentes.

Minhas experiências durante a graduação em Letras — em disciplinas, estágios e monitorias — despertaram meu interesse e a necessidade de aprofundar estudos em Psicologia da Educação e Neuroeducação. Esse interesse surgiu não apenas para aprimorar a relação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem, mas principalmente para compreender

e acolher os estudantes quando necessário. Essa motivação se fortaleceu especialmente durante minha atuação no Projeto de Extensão de Português como Língua de Acolhimento e nas aulas ministradas para crianças em uma escola municipal de Juiz de Fora. Desde então, tenho nutrido grande interesse — e carinho — pelos estudos e discussões sobre a formação de professores e os desafios enfrentados frente aos processos educacionais de estudantes imigrantes, a criação de escolas como ambientes acolhedores, a heterogeneidade cultural e a importância de reconhecer as diversas culturas no processo de aprendizagem.

Sendo assim, quando enviei meu anteprojeto de mestrado, o tema proposto foi: “A formação de professores e os desafios frente às práticas pedagógicas para refugiados e imigrantes”. No entanto, em uma reunião com o meu orientador, discutimos a possibilidade de ajustar o tema para algo mais diretamente relacionado à minha prática profissional atual: o Programa de Estudantes-Convênio de Português como Língua Estrangeira. A minha pesquisa será conduzida como uma pesquisa narrativa com os estudantes do PEC-PLE, pois esse tipo de abordagem permite explorar em profundidade as experiências individuais, valorizando suas vozes, trajetórias e percepções. A pesquisa narrativa possibilita compreender como essas experiências são construídas e interpretadas no contexto real da prática docente e da supervisão pedagógica, oferecendo uma compreensão rica e detalhada das dinâmicas interculturais e educativas envolvidas. Essa mudança permitirá alinhar a pesquisa à minha experiência prática, possibilitando analisar de forma mais aprofundada as questões pedagógicas, interculturais e de supervisão docente vivenciadas no programa, além de contribuir para a reflexão sobre estratégias eficazes de ensino e acolhimento de estudantes estrangeiros em contextos educacionais brasileiros.

Atualmente, estou finalizando o segundo semestre do meu mestrado, ansiosa — e confesso que um pouco apreensiva também — com o início da pesquisa para a minha dissertação, por se tratar de um desafio novo na minha trajetória acadêmica. Apesar disso, sinto-me muito realizada por poder estudar e investigar um tema que realmente me interessa, que faz parte do meu dia a dia e que se conecta diretamente com minha prática profissional, já que trabalho diariamente com o ensino de Português como Língua Estrangeira. Esta etapa representa não apenas a consolidação do conhecimento adquirido ao longo da graduação e das experiências profissionais, mas também a oportunidade de contribuir para a reflexão sobre

práticas pedagógicas e interculturais no ensino de línguas, aprofundando minha formação como pesquisadora e docente.

Em relação ao meu futuro, apesar de ser extremamente preocupada com ele e de gostar de planejar cada passo que dou, confesso, mais uma vez, que não sei o que me aguarda. Talvez eu seja nomeada no concurso da Prefeitura de Juiz de Fora, ou da Prefeitura de Matias Barbosa. Talvez continue trabalhando em *home office* nas duas instituições estrangeiras em que atuo atualmente. Quem sabe eu me aventure em uma oportunidade de trabalho em outros países, para ensinar PLE. Quiçá me dedique a um doutorado. Ou, ainda, surjam outras possibilidades que, neste momento, eu ainda não consigo vislumbrar. Portanto, sigo acreditando no lema de São Bento, que inclusive tenho tatuado em minha pele: “Ora et labora, Deus adest sine mora” (“Ore e trabalhe, que Deus agirá sem demora”). Esse lema guia minha vida pessoal e profissional, lembrando-me diariamente da importância de unir fé, dedicação e esforço contínuo, confiando que, quando agimos com propósito e perseverança, a Graça Divina se manifesta no tempo certo.

Finalizo este memorial acadêmico muito feliz e emocionada por lembrar não todas, mas algumas trajetórias — trajetórias que envolveram familiares, amigos, professores, alunos, estudos, acertos, erros, felicidades, medos, “frios na barriga”, risadas, choros e, sem sombra de dúvidas, muita gratidão. Tudo isso contribuiu para que eu me tornasse quem sou hoje e para que eu conquistasse tudo o que tenho. Ao revisitar esses momentos, percebo o quanto cada passo, por menor que parecesse, teve um papel fundamental na construção da minha identidade pessoal e profissional. Carrego comigo as memórias, os aprendizados e os afetos, que me impulsionam a seguir em frente com coragem, sensibilidade e compromisso com aquilo em que acredito. Que essa caminhada continue sendo guiada pelo amor ao ensino, pela busca constante de conhecimento e pelo desejo genuíno de transformar vidas — inclusive a minha — por meio da Educação.

Ao refletir sobre essa trajetória, reconheço que não a percorri sozinha. Sou profundamente grata a Deus, que sempre iluminou meus caminhos, e à minha família, Lopes e Nunes, bem como ao meu namorado, Caíque, pelo apoio constante, pelo incentivo nos momentos difíceis e pela celebração de cada conquista ao meu lado. Levo comigo a certeza de que cada passo só foi possível graças a essa rede de fé, afeto e incentivo, que me fortalece e me inspira a continuar seguindo adiante.

## **HISTÓRICO**

**Submetido:** 10 de dezembro de 2025.

**Aprovado:** 15 de dezembro de 2025.

**Publicado:** 31 de dezembro de 2025.